

**FONTES PARA O ESTUDO DE PRÁTICAS DE ESCRITA
NA BAHIA SETECENTISTA E OITOCENTISTA:
O CASO DO “LIVRO DO GADO” DA FAZENDA CAMPO SECO**

Adilson Silva de Jesus (UEFS)

adilsonuefs@yahoo.com.br

Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS)

marianafag@gmail.com

1. Reconstrução histórica do português brasileiro

De acordo com Mattos e Silva (2004, p.58), a reconstrução histórica do português brasileiro se movimentará na recuperação da história social e linguística do Brasil e, para recuperar a história do português brasileiro, teremos de ter um conjunto significativo de documentação, representativa desde os estilos mais informais (cartas particulares, narrativas pessoais, documentos em que o emissor e sua definição social possam ser entrevistados etc.), até os mais formais (documentação oficial, documentação literária etc.), já que, na conceituação de Lucchesi (1994, p. 19), tem-se que captar as normas vernáculas e as normas cultas.

Em 1985, segundo Houaiss, não se havia ainda preenchido os requisitos da pesquisa e conhecimento com que se pudesse elaborar uma história da língua portuguesa no Brasil. No *I Seminário para a História do Português Brasileiro*, na década de 1990, criaram-se as condições de pesquisa e conhecimento para elaborar uma história do PB. Vários pesquisadores, em equipes regionais sediadas em universidades de sete estados brasileiros – Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo (depois, também a Paraíba) –, iniciaram o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), constituindo um conjunto significativo de documentação representativa tanto do chamado português culto do Brasil como do português popular do Brasil.

A segunda metade da década de 1990 inaugura, de acordo com Lobo (2009, p. 307), uma fase caracterizada pela laboriosa tarefa de construção de uma filologia de textos escritos no Brasil, ponto de partida, conforme a autora, incontornável para a descrição e análise das mudanças linguísticas que foram configurando o PB.

A equipe do PHPB enfrenta a difícil tarefa de constituir *corpora* diversificados, em edições semidiplomáticas apropriadas aos estudos linguísticos. São os *corpora*: i) de Afrânio Gonçalves Barbosa, na sua tese

de doutoramento, defendida na UFRJ, em fins de 1999, *Para a história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*; ii) *As cartas baianas setecentistas*, edição elaborada sob a coordenação de Tânia Lobo, e da equipe baiana do PHPB; iii) a edição de anúncios do século XIX, organizada por Marymárcia Guedes e Rosane Berlinck, da equipe paulista, publicada na série Diachonica da Humanitas, em 2000.

Muitos outros *corpora* estão em vários estágios de elaboração no âmbito do PHPB, dentre os quais os corpora do *Projeto Vozes do Sertão em dados: História, Povos e formação do Português Brasileiro*, desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Trata-se de um projeto que tem como objetivo geral e primeiro oferecer uma descrição e análise da língua portuguesa no semiárido baiano a partir de documentos históricos inéditos dos séculos XVII a XX, editados para fins linguísticos, escritos por brasileiros de várias regiões do semiárido baiano, a saber: Nordeste, Serra Geral, Chapada Diamantina e Paraguaçu, etc.. São regiões que exemplificam o processo de ocupação europeia na região. O segundo objetivo é buscar respostas a questões levantadas por projetos em Linguística histórica no Brasil, a saber: 1) quais são as características do português europeu no Brasil? 2) e como se dá a emergência do português do Brasil ou português brasileiro?

Além disso, o referido projeto tem como objetivo oferecer subsídios para o avanço nas pesquisas sociohistóricas sobre a região semiárida, que, embora seja conhecida por seu aspecto homogêneo climático, abriga uma rica diversidade geo-ambiental, com impactos importantes no processo de ocupação e domínio de população de origem portuguesa e outras, em detrimento de população autóctone, durante todo o período colonial. Esse banco vem fornecendo meios para o resgate, não apenas documental de escritos em arquivos do Brasil e do exterior, por meio de cópias digitalizadas, mas também da diversidade linguística e sociocultural da região.

2. *O corpus*

O *Livro do Gado* –, *corpus* apresentado neste texto, é uma documentação vinculada ao projeto *Vozes do Sertão* e ao projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS)*, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS). Trata-se de registros raros da Fazenda do Brejo do Campo Seco, feitos de forma sistemática por três dos seus senhores: o escrivão

português Miguel Lourenço (inicialmente contador no “Tribunal dos ausentes” (1742-1743), cujos registros se iniciam em 1755 e vão até 1785); o brasileiro, genro de Miguel Lourenço, Antonio Pinheiro Pinto, com registros a partir de 1794; e o seu filho, Inocêncio Pinheiro Canguçu, neto de Miguel Lourenço, com registros a partir de 1822. São 150 anos do cotidiano de registros da mais longa duração na História do Brasil, que fazem parte do livro de Lycurgo Santos Filho (1956), intitulado *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX*.⁸⁸

Trata-se de um livro que mede 30 e meio centímetros de altura por 21 de largura e 57 folhas numeradas. A capa de forte papelão apresenta-se forrada exteriormente por pano pardo de linho grosso, pano endurecido pela goma de cola que o adere ao papelão.

O papel empregado é de procedência europeia. É um papel grosso e resistente, apresenta bem visíveis as linhas translúcidas deixadas pelo arame das formas.

Foi de pena de aves, principalmente de ganso, que a gente do Campo Seco se serviu, uma vez que, só em meados do século XIX, entraram em uso as penas metálicas.

Quanto à tinta de que se serviram os escrevedores do Campo Seco, foi de coloração preta ou vermelha. O tempo incubiu-se de modificar os tons, transformando-os em cinzento-escuro, cinzento-claro, alaranjado, nuances das duas cores originais. O livro está isento da corrosão. O que se vê em certas páginas é o desaparecimento quase completo da escrita, sinal de tinta destituída de um bom fixador.

2.1. O teor narrativo do *corpus*

Lê-se na primeira página:

Livro de Ferra de gado vacum e Cavalari passado por mim
Antonio Pinheiro Pinto em 95 [riscado] era de 1796
Antonio Pinheiro Pinto
Ferra das bestas a f 11 – Ferra de Gado a f 30
As miunças a fl 50

⁸⁸ Uma segunda edição foi lançada pela UEFS Editora e Fundação Pedro Calmon, em 2012, em comemoração aos 55 anos de sua primeira edição.

Nesse livro, registrou-se a ferra ou marcação dos bezerros, de poldros e poldras e de muares. Nele anotaram-se partilhas e entregas, distribuição de animais pelas várias fazendas e, ainda, o rol de bovinos e equinos pertencentes às partes, a proprietários diversos, que os entregaram à guarda dos senhores do Campo Seco. São, pois, essencialmente pastoris, de campo, os apontamentos lançados no “Livro do Gado”.

A era supracitada, de 1796, diz respeito à contabilidade pastoril, de Antonio Pinheiro Pinto. No entanto, o mesmo livro serviu para assentamentos de época mais remota, da lavra de Miguel Lourenço. Lê-se na folha 9:

Julho 8 de 1755
Egoas que entrego eu Miguel Lourenço. de Almeida nesta Fazenda
Do Campo Seco ao Criador Sebastiam Alvres de Brito o qal
As levera ao quinto e não fica obrigado a pagar mortas

E no verso da folha 8

Egoas de partes Julho 8 de 1755
Criás

Por mais de trinta anos, de 1755 a 1785, quando se supõe haver falecido, Miguel Lourenço escreveu em tal livro, com sua caligrafia miúda e firme. Em 1794, Pinheiro Pinto passou um largo traço por sobre os assentamentos do sogro e iniciou os próprios. Numerou página por página e lançou os dizeres da primeira, batizando o livro como de “ferra de gado vacuum e cavalari”. Sua letra é larga e feia, e a grafia de muitas palavras denota ausência de certos e elementares conhecimentos linguísticos. Não estudara em Portugal, nem fora escrivão, como o sogro. Escurou ele os negócios pastoris até pouco tempo antes de falecer. Em 1822, seu filho anotou no verso da trigésima folha:

Famto. [falecimento]
A vinte e nove de 9bro morreo meu Pai e partimos
os gados e terras

Segundo Santos Filho (1956, p. 114), a horrível letra e a péssima caligrafia de Inocência Pinheiro Canguçu revelam que seus estudos foram ainda mais deficientes do que os recebidos pelo pai.

Interromperam-se, em 1832, os assentamentos do neto de Miguel Lourenço. Daí para frente, ninguém mais escreveu no “*Livro do Gado*”, que se apresenta com numerosas folhas em branco.

3. *A importância do corpus*

Não se pode negar a importância da documentação, uma vez que se trata de 150 anos do cotidiano de registros da mais longa duração na História do Brasil. Além disso, trata-se de uma documentação rara de foro privado. Segundo Madeleine Foisil (1991, p. 304),

Não é fácil penetrar na vida privada nem na vida íntima situada no interior da vida cotidiana, ou porque se confundem com a vida pública, ou porque, ao contrário, escondem-se atrás do próprio pudor em revelá-las. Pesquisá-las em memórias, diários e *livres de raison* visa não a construir, a partir de incidentes e fatos curiosos, uma vida privada contida no relato — muitas vezes brilhante — de numerosas vidas cotidianas, e sim a entender como as mentalidades a perceberam: portanto, menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios; não só o discurso, mas igualmente sua aridez ou até sua ausência.

Pesquisar a vida privada por meio de memoriais, diários e livros de razão não se limita a compreender apenas a vida cotidiana presente no relato. É necessário ir além e identificar como as mentalidades da época percebem essa vida. Para tanto, é necessária uma abordagem delicada dessa literatura que, para ser lida, exige muita cautela, uma análise vigilante do texto, pois, nesse tipo de pesquisa, o texto reflete não só a história linguística, mas também a história do passado, muitas vezes perdida.

Desse modo, a exploração desse acervo pode fornecer um panorama do desenho linguístico de diferentes sincronias passadas, oferecendo um recorte diacrônico da transformação da língua portuguesa nas modalidades escritas e faladas pelas nações que constituíram as bases da população brasileira falante de português.

É possível, ainda, por meio do referido *corpus*, abordar, especificamente, no âmbito da reconstrução sociohistórica do português brasileiro, a história de penetração e difusão da escrita na Bahia. Além disso, há possibilidades de estudo empírico (mudança geracional utilizando-se do gerativismo e da sociolinguística, por exemplo).

Trata-se de uma documentação altamente relevante – representativa do português brasileiro setecentista e oitocentista – para o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), que vem divulgando *corpora* manuscritos e impressos de períodos pretéritos, para estudo da história do português culto e do português popular do Brasil.

4. *A proposta de estudo*

De acordo com o filólogo e lexicógrafo Antônio Houaiss, no seu ensaio *O português no Brasil* (1985, p. 127-128): “Não preenchamos ainda os requisitos da pesquisa e conhecimento com que se possa elaborar uma história da língua portuguesa no Brasil (...).” E, para a superação do quadro identificado, propunha “quatro vias” de investigação, assim definidas:

1. a do levantamento exaustivo de depoimentos diretos e indiretos sobre todos os processos linguageiros havidos a partir (e mesmo antes, para com os indígenas e negros) dos incícios da colonização, levantamentos já em curso assistemático desde os historiadores dos meados do século XIX para cá; 2. o mapeamento confiável da dialectologia brasileira; 3. o incremento da dialectologia vertical em tantos quanto possíveis grandes centros urbanos e focos rurais antigos, a fim de se poder ver a influência entre o rural e o urbano na transmissão adquirida e induzida; 4. a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias, não numa leitura estética, mas essencialmente linguística.

De acordo com Lobo e Oliveira (2012, p. 4-5), relativamente às vias 1 e 4, contudo, pouco se fez e se tem feito.

Segundo os referidos autores, a via 1, de todas talvez a mais tortuosa a ser trilhada, encontra um mínimo desenvolvimento em trabalhos esparsos tais como o clássico livro *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, datado de 1950, do filólogo Serafim da Silva Neto, em que o autor recolhe, principalmente em textos produzidos por jesuítas e viajantes, depoimentos sobre “processos linguageiros” de ordem vária havidos no passado do Brasil. Apontam com exemplo mais recente o artigo *De fontes sócio-históricas para a sócio-história linguística do Brasil: em busca de indícios*, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, datado de 2001⁸⁹, em que a autora – motivada pela leitura de *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*, de Stuart Schwartz (1988); *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, de John Manuel Monteiro (1994); *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro (1995) e *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*, organizado por João José Reis e Flávio Gomes (1996) – busca, “dos dados organizados pelos que fazem história social (...), levantar indícios que permitam fundamentar uma aproximação à história social da linguagem” (p. 70).

⁸⁹ O referido artigo, publicado inicialmente em 2001, é também parte integrante da coletânea de textos da autora, intitulada *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*, editada pela Parábola, em 2004.

Sobre a via 4, Lobo e Oliveira (2012, p. 5-6) afirmam que apesar de, sabidamente, o Brasil ser um país de escolarização e imprensa tardias (cf. GALVÃO, 2007, p. 10-11), paradoxalmente, é através dos espaços institucionais formais – sobretudo a escola, entendida como a agência do letramento por excelência – que se tem buscado traçar a história da penetração da língua escrita no Brasil. Esta é uma perspectiva possível, mas não exclusiva nem principal. A via 4 é o foco deste trabalho que também se inscreve no campo 3 do HISCULTE – *História da Cultura Escrita no Brasil: um programa de investigação* (LOBO; OLIVEIRA, 2012).

O campo 3 do programa ora citado refere-se a escrituras ordinárias e de foro privado na história do Brasil e tem por propósito trazer à luz e analisar as práticas de escrita de cartas particulares, diários íntimos, diários parentais, cadernos escolares, cadernos de confidências, livros de razão e uma infinidade de outras fontes que quase sempre jazeram esquecidas em baús e gavetas, não apenas para os retirar da constante iminência de destruição que sobre eles paira, mas para investi-los do caráter de legítimos objetos de investigação que podem mobilizar, até mesmo em projetos interdisciplinares, historiadores, linguistas, antropólogos etc.

Nesse sentido, torna-se necessário, segundo o paleógrafo italiano Armando Petrucci (2003, p. 7-8), ocupar-se “*de la historia de la producción, de las características formales y de los usos sociales de la escritura y de los testimonios escritos en una sociedad determinada*”, devendo, para tal, responder, para qualquer tempo histórico, ao seguinte conjunto mínimo de questões:

Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.

Cuándo? Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.

Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.

Cómo? Com qué técnicas, com qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.

Quién lo realizo? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.

Para qué fue escrito ese texto?Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir.

Neste trabalho, centrado no processo de reconstrução do passado do português brasileiro, na perspectiva sociohistórica e, de forma específica, no âmbito do estudo de uma cultura escrita, pretende-se trazer elementos para o estudo de práticas de escrita ordinária e de foro privado na Bahia rural setecentista e oitocentista.

Para tanto, pretende-se fazer uma análise qualitativa: aspectos mórficos da escrita (execução caligráfica) dos escreventes do Campo Seco para buscar evidências que justifiquem o nível de letramento dos indivíduos a partir da análise das assinaturas (hábeis e menos hábeis), com base na metodologia de Marquilhas, 2000.

Além disso, tentar caracterizar o perfil de quem escreve na região Nordeste do interior da Bahia oitocentista, uma região formada por populações distintas no período colonial com repercussões importantes no estudo das variedades populares, alvo de contato linguístico.

5. *Considerações finais*

O *Livro do Gado do Brejo do Campo Seco* é uma documentação altamente relevante para a história do português brasileiro, especialmente para o estudo da história de penetração e difusão da língua escrita na Bahia. Como se trata de um livro escrito por três gerações, há, no que diz respeito a estudos linguísticos do documento, possibilidades de fazer uma análise geracional interessante, numa perspectiva gerativa ou socio-linguística, por exemplo.

Assim, inserido na área da linguística histórica, especificamente na linha História da Cultura Escrita no Brasil (HISCULTE), apresentada por Lobo e Oliveira (2012), que focaliza a quarta via de investigação apontada por Houaiss (1985), a *penetração da língua escrita no Brasil*, é possível abordar a questão da penetração e da difusão da língua escrita na Bahia, buscando colaborar com a agenda de trabalho para uma reconstrução da história social linguística do Brasil. Como disse Mattos e Silva (2002, p. 464), “O trabalho será muito, de muitos, e não será por pouco tempo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Afranio G. *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. 1999. 484 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1999.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Coord.). Projeto *Vozes do sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro* (CNPq 401433/2009-9). Disponível em: <<http://www.uefs.br/nelp>>.

CORPUS DOHS. *Documentos Históricos do Sertão*. Disponível em: <<http://www.uefs.br/dohs>>, 2010.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

LOBO, Tânia Conceição Freire. *Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro*. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão Fernandes; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: Edufba, 2009.

_____; OLIVEIRA, K. *História da cultura escrita no Brasil: um programa de investigação / HISCULTE*, 2012 [Inédito].

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1994, n. 12, p. 17-28.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal, séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. V. II. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP/ FAPESP, 2002, p. 443-464.

_____. Ideias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Para a história do português brasileiro*. Vol. I: Primeiras ideias. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 21-52.

_____. De fontes sócio-históricas para a sócio-história linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*. Volume II: Primeiros estudos. Tomo 2. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 275-302.

_____. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2004.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil Antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.